

É com muita satisfação que lançamos mais um número da revista *Páginas a&b*, dando assim cumprimento à sua periodicidade semestral. Temos desta vez um número volumoso, com treze artigos no corpo principal, dois na secção *a&b em aberto* e uma revisão na secção *Debate e Crítica*, os quais, na sua esmagadora maioria, são provenientes de autores do Brasil. Esta é uma realidade que vem sendo habitual e que faz jus ao carácter lusófono que desde sempre tem sido uma marca identitária da revista. Porém, é sempre com alguma mágoa que notamos a escassa produção científica dos autores nacionais, tanto mais que *Páginas a&b* é o único periódico científico, na área da Ciência da Informação, em Portugal. Esperemos que o exemplo dos colegas brasileiros motive os académicos, os estudantes e os profissionais portugueses a submeterem os seus trabalhos, incrementando assim a divulgação da ciência que se faz no nosso país, particularmente nas instituições de ensino superior onde existem cursos de Ciência da Informação.

Os trabalhos que compõem este número são ao resultado da seleção aprovada pelos avaliadores, a partir de um conjunto mais vasto de propostas, e representam pouco mais de 50% dos que foram submetidos para avaliação, procurando-se deste modo manter e, se possível, melhorar o nível de qualidade da revista.

A abrir, temos um estudo de Monteiro, Lima e Pinho Neto, que se debruça sobre o uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na preservação da memória e da identidade cultural de comunidades tradicionais do Brasil, o qual tem por base a produção científica da área de Ciência da Informação, indexada em bases de dados de referência. Segue-se um trabalho de Pinto e Carvalho, que analisa a estrutura orgânico-funcional do Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto (ISCAP), estudo que é fundamental para se compreender e conhecer a produção informacional da instituição. Trata-se de um estudo de caso, que pode servir de exemplo para outros organismos congéneres, tanto mais que não abundam trabalhos deste tipo.

A área dos arquivos marca presença através dos artigos de Menezes *et. al.*, que se debruçam sobre a gestão de riscos com vista à preservação dos acervos, tema que não tem sido tratado com frequência, e de Alencar, Cervantes e Barité, que nos trazem um estudo sobre o uso do termo “arquivos comunitários”, a partir da produção científica, no período de 2008-2021, de elementos da Archival Education Research Initiative e sob o olhar dos “estudos críticos e decoloniais”.

As reflexões e as teorias ligadas à “decolonialidade” no campo da Biblioteconomia, são igualmente objeto de estudo por parte de Baptista, que procura abordar a atuação do profissional, no contexto das bibliotecas universitárias. Ainda na área das bibliotecas,

---

temos: o trabalho de Souza, que incide sobre a rede Sesc (Serviço Social do Comércio), composta por diferentes unidades de informação, localizadas em todas as regiões do Brasil, adotando um modelo de gestão descentralizado, o qual, segundo a autora, “tem por objetivo investigar as práticas de compartilhamento de informação gerencial e biblioteconômica, sob a ótica da gestão do conhecimento”; e o artigo de Trindade *et al.*, que procura investigar a promoção dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) nas bibliotecas de Universidades Federais brasileiras.

Um estudo de bibliometria, de autoria de Carla Oliveira sobre o comportamento de auto-citação, baseado na produção científica do Birger Hjørland, trata de um tema pouco comum, que ajuda a refletir sobre o modo como se faz ciência nos tempos que correm e as implicações éticas inerentes. Lais Oliveira aborda igualmente questões éticas, analisando “a percepção profissional de bibliotecários universitários brasileiros sobre a ética no tratamento temático da informação”, tema da maior atualidade.

Jesus e Castro apresentam-nos um estudo sobre dados bibliográficos, procurando traçar a evolução tecnológica da “catalogação descritiva” e refletir sobre os formatos de armazenamento, os instrumentos normativos e a estrutura desses dados face às necessidades dos utilizadores. Bezerra, Pinheiro e Baía abordam o uso da Inteligência Artificial para difundir informação de coleções particulares existentes em bibliotecas públicas, focando-se especialmente nas “Histórias em Quadrinhos” e no recurso ao *storytelling*. Pinto e Felipe contribuem com um estudo que visa “sugerir soluções para o problema de recuperação da informação na plataforma de *streaming* da Netflix”, recorrendo à folksonomia para envolvimento dos utilizadores. Por fim, Faustino traz-nos um trabalho sobre a importância do *marketing* cultural nos museus de arte, mostrando nos resultados da sua investigação empírica que os museus estão a tentar diversificar as fontes de receita de modo a garantir a sua sustentabilidade económica e financeira.

A secção *a&b em aberto* destina-se à divulgação de projetos ou estudos ainda em curso. Neste número temos um texto de Santana e Regis sobre a preservação do acervo e da tradição oral dos Quilombos do Cariri e um trabalho de Horta *et al.* sobre uma interessante ação na biblioteca Nilza Tavares Dias, da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER-MG). Dois interessantes trabalhos cuja essência assenta, afinal, numa mesma preocupação – a preservação da memória, como fator de identidade.

Por último, uma recensão de autoria de Ribeiro, que nos convoca para a leitura de uma obra de Lawrence Lessig, fundador do Creative Commons, em que se discutem os direitos autorais em prol de uma cultura mais livre.

Com este amplo leque de escolhas, este número de *Páginas a&b* convida, sem dúvida, à leitura, em tempo de férias! Que os leitores aproveitem!

**Fernanda Ribeiro**